

SALÃO

Nem dois meses passei fora do Brasil, mas já deu para piorar: a leiteria defronte de casa, que sempre produziu uma boa manteiga, tem agora uma fila imensa, escandalosa — e a manteiga passou a ser misturada com sebo. Falta água, falta luz, falta feijão, falta boi, falta govêrno, falta oposição.

E os artistas brasileiros, que estavam tão zangados com os críticos estrangeiros da Bienal, que bonito papel fazem eles agora! O júri da Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes deu o prêmio de viagem ao estrangeiro durante dois anos a uma ruim escultura acadêmica — uma tal "Marcha" de uma tal Zélia Nunes.

Porque essa lamentável abdicação dos artistas modernos ao bom gosto, à decência, à justiça, ao simples bom senso? Que autoridade terão depois disso senhores como Cândido Portinari, Oscar Niemeyer, Quirino Campofiorito, Burt Marx, Paulo Werneck, etc., para falar em arte? Não sou perito em artes plásticas, não sou crítico de arte, mas desta vez a irresponsabilidade de nossos artistas atingiu a um nível tão baixo de mediocridade e de má fé, de falta de respeito pela arte, que é impossível deixar de protestar. É grave e doloroso que essa vigarice tenha como responsáveis alguns artistas de mérito incontestável, e entre eles alguns nomes que são legítimos orgulhos da arte nacional. Mas como freqüentador de exposição, como cidadão, como homem que tem dois olhos, como contribuinte do Tesouro de onde vai sair o dinheiro desse prêmio, eu protesto. Através da maioria desse júri, os artistas brasileiros provaram que é um crime permitir que eles decidam qualquer coisa em matéria de arte. Eles devem ser considerados incapazes, como os menores, os selvagens, os débeis mentais, os elefantes cegos, os cães danados, as galinhas com ovo atravessado, etc. O respeito que merecem como artistas não merecem como julgadores da arte moderna brasileira — pela mesquinhez de seu julgamento, pela sua incapacidade de se elevar um palmo acima das mais baixas futriquinhas políticas e pessoais.

O trabalho da senhora Zélia Nunes é, simplesmente, pífio. Não conheço essa senhora; não sei se ela é um modelo de virtudes ou de plástica, se é uma brava comunista ou mãe de 20 filhos, se é muito pobrinha, coitada, e precisa, se é muito simpática e merece. Sei que sua escultura não merecia estar em um Salão Nacional de Arte Moderna. O fato de haver ela recebido o primeiro prêmio em prejuízo de artistas como Djanira, Maria Leonina, Inimá, Marceio Grossman, Renina, etc., é um fato grave. Demonstra, com uma clareza espantosa, que o artista que amanhã for ao Salão, não precisa perder um minuto sequer escolhendo o trabalho que vai mandar: deve gastar todo o tempo em agradar a essa camorrinha de critérios parvos, de cochichos misteriosos, de futricas e intriguinhas que é o júri de artistas.

Sei que meu protesto não adianta nada; sei que através da concessão de medalhas de prata, a camorrinha político-pessoalista que tomou conta da arte nacional já fortaleceu sua posição, à custa de lamentáveis injustiças, para a magonaria do ano que vem. O remédio é modificar o regulamento do Salão ou, pura e simplesmente, acabar com ele. Como está, ele só serve para deprimir, desorientar e desmoralizar nosso meio artístico.

70/11/59

R. B.